

# O capitalismo como sistema expansivo: a controvérsia entre Lênin e os populistas

Capitalism as an expansive system: the controversy between Lenin and the populists

**MARCELO PEREIRA FERNANDES** | mapefern@gmail.com

Doutor em Economia e professor do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

**Recebimento do artigo** Julho de 2017 | **Aceite** Agosto de 2017

**Resumo** Na Economia Política Internacional a análise de Lenin sobre o imperialismo é crucial. Na obra, *Imperialismo, fase superior do capitalismo*, que se tornou um clássico sobre o tema, Lenin trata o imperialismo como uma fase específica do modo de produção capitalista, resultado de uma mudança substancial na sua estrutura organizacional. Entretanto, anteriormente ele já havia exposto sua contribuição teórica sobre o caráter expansionista do capitalismo. Essa contribuição se deu por conta do embate contra os populistas russos (narodniks) que atuavam na defesa dos pequenos produtores rurais. A concepção fundamental do populismo estava na ideia de que a Rússia não precisaria passar pela etapa capitalista, e poderia entrar diretamente no socialismo. O objetivo deste trabalho é discutir a polêmica entre Lenin e os chamados populistas. Essa primeira grande controvérsia de Lenin resultou numa frutífera análise sobre o desenvolvimento do capitalismo em escala mundial. **Palavras-Chave** Lenin, Populistas, Capitalismo.

**Abstract** In International Political Economy an analysis of Lenin on imperialism is crucial. In the work, *Imperialism, the Highest Stage of capitalism*, Lenin treats imperialism as a specific phase of the capitalist mode of production, resulting from a substantial change in its organizational structure. However, there is already a translation about the expansionist character of capitalism. This collaboration is carried out on behalf of the embassy against the Russian populists (narodniks) who worked in the defense of the small farmers producers. The fundamental conception of populism was the idea that Russia would not have to go through the capitalist stage, and could enter directly into socialism. The aim of this paper is to discuss the controversy between Lenin and the so-called populists. This first major controversy of Lenin resulted in a fruitful analysis of the development of capitalism on a world scale.. **Keywords** Lenin, Populists, Capitalism.

“A circulação do dinheiro como capital é, ao contrário, um fim em si mesmo, pois a valorização do valor existe apenas no interior desse movimento sempre renovado. O movimento do capital é, por isso, desmedido”. Marx, *O Capital*

## Introdução

Em meados do século XIX a Rússia inicia um período de profundas transformações econômicas e sociais. Após a derrota militar na Guerra da Criméia (1853-1856), quando a França e a Inglaterra se uniram contra o país, a Rússia iniciou um processo de industrialização com vistas a reduzir a superioridade econômica das potências europeias. A industrialização na Europa Ocidental deixou o poder internacional da Rússia anacrônico (ANDERSON, 1974, p.347; LAUE, 1954). A abolição oficial da servidão com a reforma da terra em 1861 fez parte do esforço de modernização da Rússia. O processo de industrialização foi apoiado por medidas governamentais básicas, como tarifas, subsídios e restrições à importação (FERNANDES, 2000, pp.252-253).

No entanto, o esforço governamental para industrialização não era unanimidade na sociedade russa. Por sua vez, a reforma da terra não resolveu satisfatoriamente a questão agrária. Com isso, ainda nos anos 1860 surgiu o movimento populista (*narodnik*) que atuava na defesa dos pequenos produtores rurais e se posicionava radicalmente contra a introdução do capitalismo na Rússia, e a favor de um tipo de “socialismo agrário”. A posição dos populistas deu origem a um fecundo debate no fim do século XIX a respeito das possibilidades de desenvolvimento do capitalismo na Rússia e sobre o que ficou conhecido como a “questão dos mercados”, em que vários autores marxistas participaram, entre eles, Lenin.

Desde o início a preocupação central de Lenin era com o processo revolucionário que levaria a vitória do socialismo. E para esse fim entendeu que a análise do desenvolvimento econômico da Rússia e suas relações econômico-sociais seriam essenciais. Assim, seus primeiros embates se deram justamente no campo da teoria econômica. O seu primeiro texto, *Novas Orientações Econômicas na Vida Camponesa*, escrito em 1893 quando ele ainda estava com 23 anos, abarcava justamente a questão do desenvolvimento, mais precisamente sobre as condições dos camponeses na Rússia. Além disso, na polêmica contra os populistas, Lenin escreveu dois textos longos que são a base teórica para a análise do desenvolvimento do capitalismo em escala mundial (WEEKS, 1988): *O Chamado problema dos mercados* de 1893 e *Para caracterizar o romantismo econômico de 1897*, além da obra *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*. No geral, a crítica se concentra na ideia que o capital é expansivo e que o objetivo final dos investimentos é a valorização do capital, e não o consumo que está subordinado ao processo de acumulação.

O objetivo deste trabalho é discutir a polêmica entre Lenin e os chamados populistas quanto ao desenvolvimento do capitalismo na Rússia, ou seja, seus primeiros escritos em que foi tratada a questão dos mercados. Essa primeira grande polêmica de Lenin resultou numa frutífera análise teórica econômica em que ficou destacado o caráter expansivo do capitalismo. Além desta introdução, o artigo está dividido em mais três seções. Na segunda seção analisaremos o pensamento dos populistas russos. Na terceira seção discutiremos as primeiras críticas aos populistas com Plekhanov e os marxistas legais. Na quarta discutiremos a crítica de Lenin, no qual consideramos a mais profícua crítica ao pensamento econômico populista, no qual engendrou uma análise fundamental sobre o funcionamento do modo de produção capitalista.

## Os populistas (*narodniks*)

O populismo era formado por profissionais liberais, estudantes e intelectuais, e influenciado por filósofos nacionalistas russos, e em parte também por socialistas franceses como Jean

de Sismondi e Saint Simon (BARNETT, 2005, p.41; MIGLIOLI, 1982, p.124). Os dois maiores expoentes do populismo nos anos 1880 e começo dos 1890 foram Vasili Vorontsov (1847–1918) e N.F. Danielson (1844–1918). Este, o líder do movimento, traduziu o primeiro livro do *Capital* para o russo em 1872 e se correspondeu com Marx e Engels durante três décadas. Ele também teve papel importante na divulgação da obra de Marx na Rússia (HOWARD; KING, 1989, p.166; ROSDOLSKY, 2001, p.383).

A concepção fundamental do populismo estava na noção de que a Rússia não precisaria passar pela etapa capitalista e poderia entrar diretamente no socialismo, ao contrário do que defendiam os marxistas russos. A força do movimento estava na defesa da comuna camponesa com longa tradição comunitária, uma característica russa – que não existia na Europa Ocidental – e na pequena produção de mercadorias (MARX; ENGELS, 2013). Os populistas consideravam que o modo de produção capitalista tinha um problema crônico de subconsumo, isto é, o mais-valor não poderia ser realizado, já que os camponeses pobres não poderiam formar um mercado capaz de comprar as mercadorias produzidas em larga escala pela indústria capitalista. A estagnação da economia seria inexorável por falta de um mercado interno, especificamente para os bens de consumo dos trabalhadores. É fundamental ressaltar que essa é uma teoria para o capitalismo em geral e não somente para realidade russa<sup>1</sup> (HOWARD; KING, 1989, p.167).

Sobre a possibilidade de a Rússia saltar a etapa capitalista, Marx a princípio parece ter aventado essa possibilidade numa resposta à revolucionária russa Vera Zasulich em 8 de março de 1881<sup>2</sup> (MARX; ENGELS, 2013). Todavia, no prefácio à edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels se questionaram se a comunidade rural russa poderia se transformar diretamente na propriedade comunista. A resposta é que, segundo eles, isto seria possível somente se a revolução russa fosse “o sinal para revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma evolução comunista”<sup>3</sup> (MARX; ENGELS, 2013, p.125).

Em 1882 Vorontsov publicou a obra *O destino do Capitalismo na Rússia* que se tornou o “pontapé inicial” da discussão e que teve grande influência no debate (LAUE, 1954; OFFORD, 1999, p.92). Segundo Vorontsov não existiriam condições do capitalismo florescer na Rússia, um país imenso com comunicação e sistema de transportes precários, um clima severo que provocava custos enormes com transporte, abrigo e roupas adequadas. Um mercado doméstico russo somente seria viável com uma produção em larga escala exigida pela produção capitalista. Nessas condições, a economia capitalista só conseguiria evoluir através de mercados externos. No entanto, como a procura por mercados externos já seria intensa por parte das economias avançadas da Europa Ocidental, a economia russa não teria condições de competir por esses mercados (HOWARD; KING, 1989, p.167; HARDING, 1983, pp.82-83).

Deste modo, segundo os populistas, as políticas governamentais direcionadas à industrialização provocariam problemas sérios, como aumento dos impostos aos camponeses, prejudicando a antiga economia natural. A fome que assolou a Rússia entre 1891-1892 seria um dos sintomas desse processo (LAUE, 1954, p.12). Porém, isso não significaria uma ojeriza absoluta à indústria. A questão é que o desenvolvimento da indústria só era possível com base numa melhoria simultânea do nível de vida do campesinato. Caso contrário, a industrialização estaria fadada ao colapso (HARDING, 1983, p.84).

---

1 A teoria subconsumista dos populistas foi muito influenciada por Jean de Sismondi. Segundo Sismondi (2009 [1827]), no capitalismo haveria uma disparidade entre o consumo e a produção. Nas economias avançadas o mercado doméstico não conseguiria absorver toda produção, impedindo o desenvolvimento do capitalismo. Esse problema só poderia ser superado se o país pudesse vender para o exterior o seu excedente. O ideal político de Sismondi seria uma sociedade constituída de pequenos produtores, o que está em acordo com a visão dos populistas quanto à defesa dos pequenos produtores rurais.

2 A carta de Zasulich pretendia justamente resolver a disputa entre marxistas e populistas sobre a possibilidade da Rússia entrar diretamente no socialismo. Duas perguntas foram feitas na carta: o possível destino da comuna russa, e o que Marx pensava sobre a ideia da inevitabilidade histórica de que todos os países do mundo devem passar pelo modo de produção capitalista (MARX; ENGELS, 2013, p.80). Dussel (2012, p.382) é categórico ao afirmar que Marx se alinhava aos populistas russos em confronto com Engels e Lenin, o que é muito questionável.

3 Marx considerava a monarquia russa o centro da reação da Europa. De fato, a derrota da revolução de 1848 na Alemanha contou com o auxílio do Czar (MARX; ENGELS, 2013). De acordo com Anderson (1974, p.347), a Rússia foi o único país importante do continente a não sofrer insurgências populares em 1848.

De acordo com Harding (1983, p.84), os populistas visavam primeiro pressionar para que o governo se conscientize da dureza das políticas públicas voltadas a industrialização forçada. E, em segundo lugar, servir o bem-estar do povo, ajudando a atenuar a influência corrosiva dessas políticas equivocadas, amenizando em particular os aspectos mais opressivos do avanço capitalista. E concluiriam que a tentativa do Partido Social Democrata em atribuir ao proletariado russo o papel de classe revolucionária seria um erro, consequência de uma tentativa equivocada de transpor as conclusões de Marx a um contexto histórico muito distinto daquele estudado por ele. O esquema marxista poderia ser aplicado numa economia avançada, como a Inglaterra, mas não na Rússia.

Na realidade, existia entre os populistas russos uma forte carga moral quanto ao funcionamento do sistema. Vorontsov acreditava que o capitalismo não era somente indesejável. Tratava-se de um sistema importado, totalmente repugnante em relação à natureza da alma do povo russo; e que uma vez implantado desagregaria a tradição comunitária russa.

Por sua vez, sua visão pessimista do capitalismo somava-se a uma ideia extremamente otimista quanto ao dinamismo da vida comunitária camponesa, contrária ao individualismo do capitalismo. “The people’s party would stand to gain a great deal if to its faith in the vitality of the foundations of peasant life was added a conviction of the historical impossibility of the growth of capitalist production in Russia” (VORONTSOV *apud* HARDING, 1983, pp.81-82).

Ao contrário da concepção de socialismo que os populistas pareciam justificar com sua defesa do estilo de vida camponês russo, no *Manifesto* Marx e Engels advertiam que o proletariado utilizaria sua supremacia política para não apenas “arrancar pouco a pouco todo capital da burguesia”, mas também para aumentar mais rapidamente possível o total das forças produtivas (MARX; ENGELS, 2010, p.57). Por isso, conforme Netto (1982, p.xii), de fato durante os anos 1860-70, o populismo representou uma política progressista no quadro político da Rússia. Mas à medida que o desenvolvimento do capitalismo avançava com todas as consequências na estrutura socioeconômica do país, os populistas se desprenderam do movimento real caindo numa atitude reacionária diante da realidade russa.

## Plekhanov e os marxistas legais

Entre os primeiros críticos dos populistas está Georgi Plekhanov, considerado o pai do marxismo na Rússia. No livro *Nossas Diferenças*, publicado em 1885, ele tentaria demonstrar a rapidez com que o capitalismo na Rússia vinha se desenvolvendo, o que se chocava frontalmente com a noção da excepcionalidade russa defendida pelos populistas<sup>4</sup>. A pergunta que se colocava sobre se o capitalismo ocidental teria sucesso em atrair a Rússia para o desenvolvimento capitalista antes de dar lugar a uma forma superior de organização social, parecia ser positiva (PLEKHANOV, 1885).

Através de dados estatísticos Plekhanov demonstraria o crescimento industrial da Rússia, principalmente a partir de 1870. Essa expansão se iniciou após o fim da servidão e com o fim da guerra da Turquia. Entre 1877 e 1882, por exemplo, ele afirmaria que um grande número de fábricas foram abertas, em especial aquelas ligadas ao processamento de fibras (algodão, linho, seda). “Our cotton industry has been enormously developed; some of its products can stand comparison with the most up-to-date and beautiful in Europe” (PLEKHANOV, 1885). Do mesmo modo Plekhanov observaria o crescente interesse do capital estrangeiro em investir na Rússia como um sinal irrefutável de que o capitalismo encontrou no solo russo um campo de investimento. Ainda conforme Plekhanov, o sistema de crédito na Rússia daria enormes saltos. Antes de 1864, o crédito privado era muito baixo. Treze anos depois, o sistema de credi-

---

4 O livro é uma resposta não somente aos populistas, mas também aos anarquistas e blanquistas que acreditavam que o atraso econômico da Rússia favoreceria a revolução socialista (PLEKHANOV, 1885).

to e os depósitos bancários haviam crescido enormemente, transformando a economia russa.

Assim, Plekhanov (1885) lembraria que, em qualquer país, a transição de uma economia natural para uma economia monetária, é necessariamente acompanhada por uma enorme expansão do mercado doméstico. Evidentemente que esse mercado teria que dirigir-se em sua totalidade para a burguesia russa. Porém, numa visão otimista ele acreditava que uma vez saturado o mercado interno o capitalista russo buscaria novos mercados no exterior. No futuro, a Rússia alcançaria o desenvolvimento do Ocidente porque seria um erro imaginar que os países que entraram na via do desenvolvimento capitalista antes de outros sempre seriam capazes de manter o monopólio do transporte mais barato, da produção mais barata e de melhor qualidade. No Ocidente também existiam países atrasados quando comparados com a Inglaterra ou a França, mas seus intelectuais não pregavam o excepcionalismo dos seus países, como faziam os populistas em relação à Rússia.

Ainda segundo Plekhanov, a vitória do proletariado na França ou na Inglaterra afetaria o desenvolvimento do mundo civilizado e reduziria a dominação do capitalismo em outros países. “But all this is a matter of the future, still more or less remote, and meanwhile our capitalism can become, and we have seen that it is becoming, the exclusive master in Russia” (PLEKHANOV, 1885).

Outros críticos importantes do populismo com atuação destacada nas universidades russas foram os chamados “marxistas legais”. Esse nome se deve ao fato deles publicarem seus artigos em revistas e jornais, isto é, autorizados pelo governo do Czar. Entre os principais nomes do marxismo legal estão: Sergei Bulgakov e Túgan-Baranóvski.

Tendo como base os esquemas de reprodução de Marx publicados no livro II do *Capital* (MARX, 2014 [1885]), Bulgakov afirmava que o capitalismo conseguiria se desenvolver sem precisar de mercados externos. Mais do que isso, o capitalismo não se defrontaria com dificuldades de realização. “Já no começo da produção capitalista, forma-se assim um círculo fechado, no qual ela não depende de nenhum mercado externo, mas basta a si próprio, estando em condições de crescer, digamos, automaticamente, mediante a acumulação.” (BULGAKOV *apud* ROSDOLSKY, 2001, p.387).

Assim sendo, Bulgakov destacava que no capitalismo a produção não teria a finalidade de satisfazer as necessidades de consumo da população que, na realidade, seria um elemento secundário da circulação do capital<sup>5</sup>. A finalidade da produção seria obter lucros aos capitalistas, independente de quais mercadorias produzidas. Não obstante inicialmente a demanda por bens de consumo fosse limitada, isso não necessariamente impediria o aumento da produção porque os capitalistas poderiam elevar sua produção vendendo bens de capital. Conseqüentemente, isso faria com que a produção de mercadorias aumentasse ainda mais, considerando o acréscimo do volume de emprego de força de trabalho no departamento produtor de meios de produção (Departamento I). Isto posto, “a única barreira à ampliação da produção reside no próprio capital e em suas necessidades de crescimento” (BULGAKOV *apud* ROSDOLSKY, 2001, p.387).

Entretanto, Bulgakov tinha uma visão harmônica do funcionamento do capitalismo, que se distanciou do pensamento do Marx. Para ele cada setor produziria e consumiria a produção criada por si mesma e pelos outros setores, fazendo com que a economia se desenvolvesse equilibradamente.

Com exceção de Lenin, Túgan-Baranóvski foi o autor que mais se destacou no debate contra os populistas. Ele criticou a aceitação da teoria de Sismondi, por parte de alguns marxistas, como inconseqüente e infiel aos princípios que Marx elaborou, pois o propósito da economia capitalista não seria o consumo humano, mas sim a acumulação de capital, que se realizaria em um movimento circular. Como Bulgakov, Túgan também utilizou os esquemas de reprodução que Marx desenvolveu no livro II do *Capital*.

---

5 De acordo com Marx (2013 [1868], p.697): “E não poderia ser diferente, num modo de produção em que o trabalhador serve às necessidades de valorização de valores existentes, em vez de a riqueza objetiva servir às necessidades de desenvolvimento do trabalhador”.

Nesse sentido, Túgan-Baranóvski (1985, p.259) marcaria uma diferença substancial entre a economia capitalista e a economia mercantil simples. A finalidade da economia mercantil simples seria a elaboração de meios de consumo. No capitalismo, o trabalhador se converteria em meios de produção. Assim como a obtenção de material para alimentar as máquinas não seria o objetivo da produção capitalista, a produção de mercadorias para o consumo dos trabalhadores não seria a finalidade da produção capitalista. Esse papel de subordinação ao consumo, na dinâmica capitalista, vale tanto para o consumo dos trabalhadores como no consumo dos capitalistas. Estes últimos, seguindo Marx, seriam os funcionários do capital que atuam para manter a valorização do capital, uma vez que o processo de acumulação seria inexorável em razão da competição que o sistema engendra.

Conforme Tugán, a demanda característica do capitalismo não seria a demanda por bens de consumo, mas a demanda por meios de produção. Portanto, o subconsumo dos trabalhadores não poderia ser um entrave à expansão do mercado capitalista como acreditavam os populistas russos. Ao se desenvolver, a produção criaria seus próprios mercados. Todavia, não sem contradições como afirmava a lei de Say<sup>6</sup>. As crises fariam parte do sistema capitalista e seriam inevitáveis. Ainda de acordo com Tugán, a crise só seria evitável se a distribuição do produto social fosse proporcional entre as classes<sup>7</sup>. Entretanto, isso não seria possível porque o modo de produção capitalista é anárquico e não dispõe do planejamento necessário para garantir distribuição proporcional.

## A crítica de Lenin

Coube a Lenin, ao expor sua avaliação sobre a “questão dos mercados”, empreender a mais brilhante crítica aos populistas russos (MAZZUCHELLI, 1985, p.151). Influenciado pelos estudos dos economistas Tugán-Baranovski e Bulgakov, Lenin (1982 [1899]) analisou as possibilidades de desenvolvimento do capitalismo na Rússia e explicou que a busca por mercados externos não era decorrência das dificuldades de realização do mais-valor, como pensavam os “românticos” Sismondi e os populistas.

Em seu primeiro texto, Lenin (2012 [1893]), fez uma análise sobre a situação econômica dos camponeses russos. No texto Lenin buscava demonstrar que o capitalismo já era dominante no campo – embora esse possuísse elementos feudais – e que o camponês estaria sendo separado em duas classes sociais antagônicas. Isto é, uma classe camponesa rica proprietária de terra e um proletariado que trabalhava no campo. Isso dado que nas pequenas propriedades a produção era precária, fazendo com que os camponeses precisassem encontrar outras formas de sustento, e o assalariamento estaria entre essas formas. Por sua vez, os proprietários de terra passariam a comprar instrumentos de produção do setor industrial (LENIN, 2014 [1897]). Portanto, a ruína do pequeno produtor não significava a contração do mercado interno, nem o trabalho no campo seria incompatível com o capitalismo. A excepcionalidade russa defendida pelos populistas não existia.

Lenin também se apoiou nos esquemas de reprodução de Marx para demonstrar que o que interessava para o desenvolvimento capitalista seria a demanda originada dos próprios capitalistas. Ou seja, o fundamental seria a transformação de mais-valor em capital constante, o que acarretaria no rápido desenvolvimento do setor de bens de capital. O desenvolvimento do capitalismo aprofundaria a divisão social

6 Segundo a lei de Say toda oferta cria sua própria demanda ao preço de mercado. Nesse sentido, segundo essa lei, não existe a possibilidade de ocorrer superprodução de mercadorias.

7 De acordo com Miglioli (1981, pp.139-142) o conceito de “repartição proporcional da produção” não foi desenvolvido por Tugan, embora seja uma peça central na sua teoria. Para Miglioli, a “repartição proporcional da produção” significa que os níveis de investimento em cada setor sigam o crescimento da demanda no respectivo setor. Isso implica que o capital deveria ser deslocado para ter mais investimento no setor em que a demanda mais cresceu. Dessa maneira, o crescimento da produção seria proporcional ao crescimento da demanda e não surgiriam problemas de demanda efetiva.

do trabalho, elemento essencial para expansão de um mercado interno. E, ao passo que o capitalismo se desenvolvesse, novos mercados seriam criados e ampliados à custa dos meios de produção, e não dos meios de consumo que cresceriam de forma mais lenta, ocupando um lugar cada vez menor dentro do conjunto da produção capitalista (LENIN, 2013 [1893]). “De fato, o difícil, no problema da realização é precisamente explicar a realização do capital constante” (LENIN, 1982 [1899], p.17).

Com efeito, se o consumo dos trabalhadores fosse um problema fundamental há muito o capitalismo estaria estagnado, pois a natureza do capitalismo se baseia justamente na ampliação da produção de forma desmedida. A produção pela produção.

“É precisamente essa ampliação da produção sem a respectiva ampliação do consumo que corresponde à missão histórica do capitalismo e à sua estrutura social específica: a primeira consiste em desenvolver as forças produtivas da sociedade e a segunda exclui a massa da população do usufruto das conquistas técnicas” (LENIN, 1982 [1899], p.25).

Mas isso não significa que não haveria uma contradição entre produção e consumo, logo a possibilidade de subconsumo. Porém, essa seria uma questão secundária que por si só não poderia explicar as crises. As crises de realização no capitalismo residiriam na desproporção que existem no desenvolvimento dos diferentes ramos industriais que serviriam de mercado uns para os outros (LENIN, 1982 [1899], p.31). Isso porque os distintos ramos industriais não se desenvolveriam de maneira uniforme. Portanto, a crise de realização para Lenin seria sinônimo de crise de desproporção.

O movimento do mercado no capitalismo seria comandado fundamentalmente pelas relações interindustriais. E, as condições de realização seriam reguladas pela disposição de gastos dos capitalistas que se tornariam intrinsecamente instáveis. Aqui a noção de “anarquia de produção” é importante: haveria uma contradição fundamental entre o caráter social da produção, e o caráter privado da apropriação. A questão seria localizar em que parte do produto social envolveria uma realização mais problemática; e que, nesse caso, estaria na produção do Departamento I que tenderia a se autonomizar e a comandar o perfil dos movimentos cíclicos do capital (MAZZUCHELLI, 1985, p.155).

Nesse sentido, Lenin compreendia que o capitalismo tem um caráter expansivo, que se revelaria na tendência ao aumento ilimitado da produção e, assim, na incessante busca por novos mercados a todo o momento e em todos os lugares. Por isso, os mercados externos são necessários. “La competencia obliga a los capitalistas a ampliar de continuo su producción y a buscar mercados en el exterior para la venta en masa de sus productos” (LENIN, 2013 [1893]). Então não se trataria de um fenômeno que expresse uma limitação particular do capitalismo, seja por falta de consumo dos trabalhadores que impossibilitaria a realização do mais-valor, seja pela queda da taxa de lucro<sup>8</sup>: ao contrário é uma decorrência justamente do caráter expansivo do capitalismo, e a sua tendência à produção ilimitada, o que não se confunde com uma restrição. De acordo com, Lenin (2014 [1897]):

El mercado exterior es necesario porque la producción capitalista *implica* la tendencia a una ampliación *ilimitada*, contrariamente a todos los antiguos modos de producción, encerrados dentro de los límites de la comunidad, la propiedad patriarcal, la tribu, el distrito territorial o el Estado Mientras que en todos los antiguos regímenes económicos la producción se renovaba cada vez en la misma forma y en las mismas proporciones en que se desarrollaba anteriormente, esta renova-

8 A queda da taxa de lucro também tem sido uma explicação adotada nos círculos marxistas para explicar a busca por mercados externos.

ción es imposible en el régimen capitalista y la ampliación es ilimitada, el eterno avance se convierte en la ley de la producción.

Assim sendo, a busca por mercados externos, ou seja, a própria internacionalização do capital, é um processo que “envolve determinações essencialmente históricas” (MAZZUCHELLI, 1985, p.156). É um problema relacionado com as condições concretas do desenvolvimento do capitalismo nas diversas nações e em diferentes épocas. É o próprio desenvolvimento desigual dos ramos industriais, a generalização da produção mercantil e a sua progressividade que impulsionam o capitalismo em busca de mercados externos. A chave desse problema está no entendimento que o capitalismo é um sistema expansivo. É expansivo porque seu objetivo é a valorização máxima, o que induz ao máximo desenvolvimento das forças produtivas e do movimento de acumulação, a produção pela produção, tendo o dinheiro como um fim em si mesmo, “o ponto de partida e o ponto de chegada de todo processo de valorização” nas palavras de Marx (2013 [1868], p.230).

Nesse movimento o capital inventa novos mercados, de acordo com suas necessidades de acumulação<sup>9</sup>. Mas no seu movimento de acumulação, o capital vai criando barreiras que colocam um freio na acumulação. Portanto, a expansão do capital não é um processo ilimitado, porém os seus limites são dados somente pela sua relação consigo mesmo.

## Referências bibliográficas

- ANDERSON, Perry. *Lineages of the Absolutist State*: NLB, London, 1974.
- BARNETT, Vincent. *A History of Russian Economic Thought*. New York: Routledge, 2005.
- DUSSEL, Enrique. *A Produção Teórica de Marx: um comentário ao Grundrisse*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FERNANDES, Luis Manuel. Rússia do Capitalismo Tardio ao Socialismo Real. In: FIORI, José Luis (org). *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. 3ª ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.
- HARDING, Neil. *Lenin's Political Thought*: London: The Macmillan Press 1983.
- HOWARD, M.C; KING, J.E. *A History of Marxian Economics*: volume 1, 1883-1929. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- LAUE, Theodore H. Von. “The Fate of Capitalism in Russia: The Narodnik Version” *American Slavic and East European Review*, Vol. 13, No. 1, feb, pp. 11-2, 1954.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. O processo de formação do mercado interno para grande indústria. São Paulo: Abril Cultural, [1899] 1982.
- LENIN, Vladimir Ilitch. “Para una caracterización del romanticismo económico (Sismondi y nuestros sismondistas nacionales)”, [1897] 2014. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1897/romanticismo-economico.htm>>. Acesso em: setembro de 2016.
- LENIN, Vladimir Ilitch. “El llamado problema de los mercados” [1893] 2013. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1893/probmerca/index.htm>>. Acesso em: setembro de 2016.
- LENIN, Vladimir Ilitch. “Los nuevos cambios económicos en la vida campesina (A propósito del libro de V. E. Póstnikov “La explotación agrícola en el sur de Rusia”)” [1893] 2012. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/lenin/obras/1893/001.htm>>. Acesso em: setembro de 2016.

9 O caráter expansivo já se encontra nas páginas *Manifesto do Partido Comunista*: “Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia a invadir todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte” (MARX; ENGELS, 1998 [1848], p. 43).

- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I. São Paulo: Boitempo, [1868] 2013.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro II. São Paulo: Boitempo, [1885] 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich *Lutas de Classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. 1.ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MAZZUCHELLI, Frederico. *A contradição em processo: o capitalismo e suas crises*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MIGLIOLI, Jorge. *Acumulação de capital e demanda efetiva*. São Paulo: T. A Queiroz, 1982.
- NETTO, José Paulo. Introdução. In: LENIN, Vladimir Ilitch. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. O processo de formação do mercado interno para grande indústria. Trad. José Paulo Netto. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- OFFORD, Derek. *Nineteenth-Century Russia: opposition to autocracy*. New York: Person Education limited, 1999.
- PLEKHANOV, Georgi. “Our differences”, 1885. Disponível em <<http://www.marxistsfr.org/archive/plekhanov/1885/ourdiff/index.html>>. Acesso em: setembro de 2016.
- ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O Capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- SISMONDI, Jean Charles-Léonard Simonde de. *Novos Princípios de Economia Política*. Curitiba: Segesta Editora, [1827] 2009.
- WEEKS, John. “Imperialismo e mercado mundial”. In: BOTTOMORE, Tom (ed). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1988.